



Telmo Nunes

# Laudalino, o Fotógrafo da Maia

Embora já citada a propósito de uma outra obra, justifica-se recuperar a frase de Sebastião Salgado, consagrado fotógrafo, reconhecido à escala global, que assumia que as suas «fotografias são o vetor entre o que acontece no mundo e as pessoas que não têm como presenciar o que acontece.»

Uma das vantagens da fotografia será a de tomar forma de pontes que nos permitam viajar até geografias distantes ou, mais maravilhoso ainda, viajar até aos nossos próprios espaços e que tão bem conhecemos, mas rasgando o tempo e mergulhando num pretérito tantas vezes surpreendente. Olhar fotografias antigas e ver outras representações daquilo que nos pertence em tempo presente, assumindo as várias reconfigurações sofridas até à data, revela-se um exercício extraordinário.

É o que acontece ao folhear o livro, *Laudalino da Ponte Pacheco 1963-1975*, da responsabilidade de Maria Emanuel Albergaria, Margarida Medeiros e João Leal, e brilhantemente editado pela Araucária Edições, em 2021, num volume muito cuidado, robusto e esteticamente muito bonito.

A obra surge dividida em três partes, ocupando-se cada autor com uma vertente distinta: “O fotógrafo da Maia”, por Maria Emanuel Albergaria; “Continuar a viver – imagens de um quotidiano açoriano (1963-1975)”, por Margarida Medeiros; e “Os Açores dos anos 1960. As fotografias de Laudalino em contexto”, por João Leal. Estas três vertentes ou visões mantêm em comum entre elas o espaço. Embora também dediquem atenção a outros locais ilhéus, nacionais ou internacionais, a freguesia da Maia, no concelho da Ribeira Grande e de origem do fotógrafo, mantém-se invariavelmente como espaço de partida (mas também de chegadas) em toda a narrativa.

Muitas das fotografias que integram este álbum são acompanhadas por informações adicionais, em jeito de legenda, e que se revelam muito úteis atendendo ao valor histórico, antropológico, social e cultural que as mesmas permitem colher. Lamenta-se que em tantas outras, essa informação tão pertinente já se tenha perdido na névoa do esquecimento. Todavia, há que reconhecer o notável esforço no sentido de dotar as imagens destes pequenos apêndices tão profícuos, considerando pessoas e/ou realidades profundamente modificadas pelo tempo.

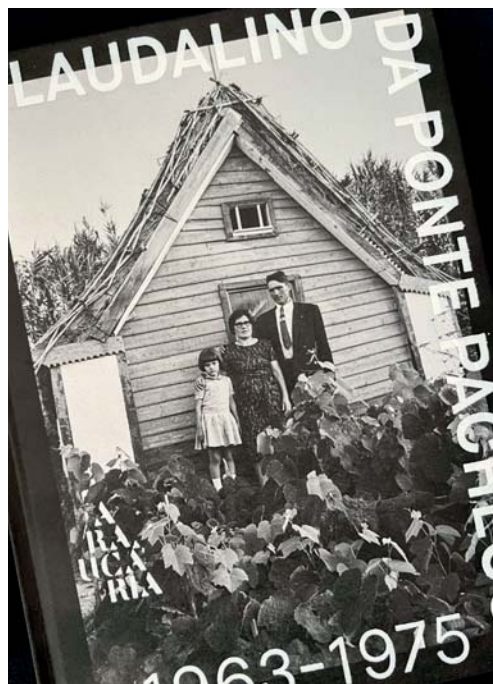
Considerando as condições atmosféricas próprias do arquipélago (a humidade, em particular), e sabendo do efeito que as mesmas produzem sobre este tipo de material, é admirável e digno de registo a quantidade mas, sobretudo, a qualidade das fotografias eternizadas neste volume, mérito, claro está, dos conhecimentos e cuidados tidos primeiro por Laudalino da Ponte Pacheco, depois pela família herdeira e finalmente pelos responsáveis da Santa Casa da Misericórdia da Maia, (depositária de um espólio com cerca de 155.000 fotografias), que as souberam e têm sabido proteger, não obstante as condições adversas em que vivemos.

Ao folharmos as páginas deste livro, torna-se quase inevitável a eclosão de um sentimento de empatia para com o “fotógrafo da Maia”, como era amavelmente reconhecido Laudalino Pacheco. Descrito explicitamente como um homem dinâmico, muito divertido e trabalhador, facilmente se infere a sua extrema perspicácia e cultura. Não de perdoar-me o lugar-comum, mas falamos de um homem bem à frente do seu tempo, um visionário e uma pessoa multifacetada. Para além da dedicação à família,

às suas funções profissionais na Fábrica de Tabaco da Maia e à fotografia, Laudalino da Ponte Pacheco apoiou militares durante a Guerra, desempenhou funções de socorrista, foi dirigente desportivo e membro da Junta de Freguesia da Maia. Arrendava quartos a profissionais deslocados ou a turistas, era carpinteiro, cobrava e distribuía o *Açoriano Oriental* e o *Correio dos Açores*. Vendia rádios e distribuía tabaco pelos estabelecimentos comerciais da época. Era um homem curioso e sagaz: montou na sua casa toda a instalação elétrica anos antes da eletricidade chegar à freguesia da Maia.

A nível histórico e antropológico, este será sempre um contributo formidável, já que nos oferece a representação pictórica detalhada de diversas vivências culturais e sociais de um passado que, embora nos pareça muito longínquo, quer no tempo quer no espaço, a verdade é que não se passaram assim tantos anos desde aquela realidade que ali vem documentada. Por outro lado, a evolução das vias de comunicação permitiu encurtar distâncias, pelo que os locais retratados ficam sempre a poucos minutos de viagem.

Esta obra deverá ser encarada como um veículo de conhecimento atual e perpétuo da vontade e da tenacidade daqueles inconfundidos que, antes de nós, mostraram querer e saber fazer mais pela sua terra. É a prova clara de que o progresso e a alteração de comportamentos e costumes são possíveis de forma harmoniosa e sustentável e que essa capacidade está na evolução das próprias pessoas.



Maria Emanuel Albergaria, Margarida Medeiros, João Leal, *Laudalino da Ponte Pacheco 1963-1975*, Araucária Edições, 2021



**autoNext24**

facebook/AutoNext24  
por: Ricardo Martins

## PEUGEOT LIDERA SEM CONTESTAÇÃO

A timing da colocação de novos carros no mercado leva aos altos e baixos das vendas, de todas as marcas, mas ficar por lá muito tempo é sinal de algo diferente. É o que sucede no mercado português, como em todos os mercados mundiais de veículos. Concluído o terceiro trimestre de 2023, a Peugeot reforçou a liderança do mercado automóvel nacional, ao vender nos primeiros nove meses do ano 20.789 automóveis de Passageiros e Comerciais Ligeiros, aumentando a sua quota de mercado para 12,0% contra 11,8% há um ano (crescimento das vendas de 33,9%) (Dados ACAP). À entrada do último trimestre do ano, a Peugeot é a marca mais vendida, com mais de 6.000 automóveis de diferença para a segunda classificada, a Renault.

No mercado de Veículos de Passageiros, a liderança é também da Peugeot. Decorridos



os primeiros nove meses de 2023, a marca comercializou 17.253 unidades (+ 35,6%) e elevou a quota de mercado para 11,3% (era de 11,1% no período homólogo do ano passado).

Todos best-sellers, os modelos que mais contribuem para a preferência dos portugueses pela Peugeot são o 2008 – cuja nova geração acaba de ser lançada em Portugal – com 5.674 unidades vendidas entre janeiro e setembro, o 208, com 5.312 vendas, e o 308 é o terceiro modelo Peugeot mais vendido do mercado de automóveis de passageiros com 2.582 matrículas. Ainda este ano, os novos 308 e 308 SW verão reforçada a sua oferta com o lançamento das versões 100% elétricas.

A Peugeot é, também, a marca líder nas vendas entre os Comerciais Ligeiros, com 3.536 unidades entregues aos seus clientes profissionais. A quota da marca neste mercado subiu para 17,5%, contra os 16,5% registados no acumulado a esta altura em 2022. O Peugeot Partner mantém-se inalcançável entre os seus pares, registando, à data, um acumulado de 3.128 viaturas comercializadas.

Num mercado eletrificado (100% elétricos + Híbridos plug-in) que representa já 27% das vendas de automóveis em Portugal, a Peugeot mantém o foco na eletrificação e aposta numa gama eletrificada que não pára de evoluir.

A marca volta a demonstrar a sua posição de referência como líder na eletrificação entre os construtores generalistas, e em setembro mais de 1 em cada 4 Peugeot vendidos em Portugal foram LEV (Elétricos a bateria e Plug-in Híbridos).

A Peugeot mantém-se como primeira marca generalista no ranking de vendas nacional, no mercado de baixas emissões LEV (BEV+PHEV), tendo registado, à data, um volume de 4.159 viaturas, com uma quota de 8,9%.

Na vertente BEV, a Peugeot reforça o seu estatuto de líder do mercado generalista em VP + VCL, posicionando-se, também, como a segunda marca mais vendida em termos absolutos. Conta, à data, com um acumulado de 2.576 viaturas vendidas, para uma quota de 9,4%.

É igualmente a líder generalista no mercado VP-BEV, somando 2.050 viaturas, e a líder absoluta no mercado VCL 100% elétrico, com uma quota de 29,6% e um volume de 526 veículos.